

editorial

A agenda feminista de lutas de 2002 se iniciou mais cedo, no Fórum Social Mundial, com a participação intensa das mulheres nas Conferências, seminários e passeatas. A Marcha Mundial de Mulheres esteve especialmente empenhada, desde o início, na construção e no fortalecimento do Fórum Social Mundial. Contribuímos para o reconhecimento da presença das mulheres no movimento internacional anti- neoliberalismo.

Comparecemos com nossas exigências de incorporação do feminismo como elemento transformador da sociedade e como dimensão indispensável das alternativas que se esboçam em meio à resistência mundial que cresce.

Por isso, trazemos a síntese de Fátima Mello, da concorrida Conferência a cargo da Marcha Mundial de Mulheres, no Fórum Social 2002: “Cultura da violência, violência doméstica”.

O texto apresentado no Seminário da Marcha Mundial de Mulheres, no FSM 2002, traz dados relevantes sobre a permanência das desigualdades entre homens e mulheres que publicamos aqui resumidamente.

Esse cenário alimenta nossa disposição de lutas para esse 8 de março. No calendário de lutas, o combate à ALCA, que trará impactos negativos à vida das mulheres, torna-se prioridade.

SOF



Fábio Pereira

Manifestação das Mulheres no Fórum Social Mundial 2002

Cultura da Violência, Violência Doméstica

Por Fátima Mello*

Apresentamos aqui, a síntese feita pela animadora da Conferência sobre Cultura da Violência, violência doméstica, no Fórum Social Mundial de 2002. A Conferência teve como Rede Puxadora: a Marcha Mundial das Mulheres - representada por Diane Matte (Canadá), Sashi Sail (Índia), Suzy Roitman (França), a partir do texto base “A violência contra as mulheres: Aí onde o outro mundo deve agir” e contou com a participação do psicanalista Jurandir Freire Costa (da UFRJ) como debatedor.

A conferência foi aberta pelas painelistas da Marcha Mundial das Mulheres, que apresentaram um amplo diagnóstico da violência contra as mulheres, uma discussão sobre suas raízes, sua relação com a globalização neoliberal, e apontaram alguns elementos para a construção de alternativas.

A violência contra as mulheres ex-

pressa a combinação entre dois sistemas que se reforçam mutuamente: o patriarcado - baseado na pretensão de que existiria uma inferioridade natural das mulheres e na hierarquização dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres -, e a globalização capitalista neoliberal - que se apóia na divisão sexual do trabalho para criar desigualdades adicionais entre ho-

continuação da capa

mens e mulheres, proporcionando assim um ambiente favorável ao aumento da violência. Para manter a vigência desta combinação de sistemas, a violência é utilizada como ferramenta de controle.

A este respeito, Jurandir Freire Costa argumentou que a violência contra as mulheres revela o abuso de poder e a apropriação dos meios de coerção física dos homens sobre as mulheres.

O diagnóstico da violência a partir das causas estruturais da opressão

As panelistas da Marcha Mundial das Mulheres enfatizaram que as mulheres são vítimas da violência em todas as classes sociais, culturas, religiões e situações geopolíticas, ainda que esta violência assuma diferentes formas segundo as distintas sociedades. Ela ocorre tanto na esfera pública como na privada, e é com frequência exercida tanto por indivíduos como também de forma organizada por grupos de homens e por Estados. Em casos como no Afeganistão sob o Talibã, a violência contra as mulheres foi institucionalizada e transformada em direito divino outorgado a todos os homens; mas também em países ocidentais, onde em muitos casos houve o reconhecimento dos direitos das mulheres mas persistem a violência e o controle sob diversas formas, como o crescimento do tráfico sexual, o não reconhecimento do estupro conjugal e do direito ao aborto.

A expansão da globalização capitalista potencializa a violência contra as mulheres de diversas formas. O deslocamento de empresas do Norte para o Sul em busca de mão-de-obra barata resulta em uma ampla absorção da força de trabalho feminina em condições dramaticamente precárias.

Observa-se também uma crescente feminização das migrações, sobretudo em direção aos países industrializados. As políticas impostas pelas instituições financeiras multilaterais costumam resultar na desestruturação dos sistemas de serviços públicos, obrigando as mulheres a trabalharem ainda mais de forma não remunerada para compensar a ausência destes



Mesa da Conferência Cultural da Violência no Fórum Social 2002

serviços. Ao provocarem o esgarçamento do tecido social, estas instituições contribuem para a existência de um terreno favorável à emergência de violências adicionais contra as mulheres, sobretudo no âmbito das relações conjugais, mas também no aumento da escravidão doméstica e do comércio sexual, que com a globalização neoliberal passou de um estado artesanal para um estado industrial com dimensão planetária.

Um outro mundo é possível: Viver sem violência e com igualdade entre homens e mulheres

Diante deste cenário, quais seriam as alternativas e perspectivas que permitam a eliminação de todas as formas de violência contra as mulheres.

Todos os movimentos sociais, as entidades que lutam contra a globalização neoliberal, as organizações sindicais e políticas devem denunciar a violência contra as mulheres, comprometer-se a integrar em suas análises as ligações entre capitalismo, sexismo e racismo, exigir o respeito aos direitos das mulheres, e enfrentar a questão da “cultura da violência”. As panelistas propõem que seja nossa responsabilidade individual e coletiva, de homens e mulheres, nos posicionarmos contra a violência, inclusive no interior de nossas organizações.

Freire Costa propôs a ênfase em dois

campos de luta contra a violência. Em primeiro lugar, a necessidade de repensarmos as bases da educação, onde seria nossa responsabilidade individual e coletiva combater a educação sexista. Um segundo campo de luta seria a propaganda, pois a cultura do corpo e sua mercantilização alimentam a cultura da violência.

Houve uma série de contribuições do plenário demonstrando que em situações de guerra ocorre um recrudescimento da violência contra as mulheres. Neste sentido, foram apresentadas propostas de declarações de solidariedade às mulheres no Afeganistão e na Palestina, bem como de denúncia da violência dos Estados Unidos contra as mulheres e povos. Foi apontada também a violência exercida pela classe médica sobre as mulheres, sob a forma da manipulação genética, da indução de cesarianas, esterilizações, e da proibição do aborto. Diversas intervenções apontaram a necessidade de construção de uma cultura da paz, da igualdade e de emancipação das mulheres.

Finalmente, a Marcha Mundial das Mulheres propôs uma declaração, junto com os movimentos sociais, de compromisso de luta conjunta contra a violência, e a realização de um tribunal internacional sobre as violências contra as mulheres durante a terceira edição do Fórum Social Mundial.

* Fátima Mello coordenou essa Conferência em nome da ABONG - Associação Brasileira de ONGs. Versão resumida.

A mundialização econômica e seu impacto sobre as mulheres

Marcha Mundial de Mulheres*

Em numerosas análises feministas se coloca o caráter patriarcal da atual mundialização (globalização) e o impacto que tem sobre a pobreza das mulheres as políticas macroeconômicas das transnacionais e os mercados financeiros, sustentadas pelos Estados nacionais e fomentadas pelas políticas econômicas liberais instrumentadas no mundo.

Segundo Wichterich: "(...) *Os efeitos da mundialização não afetam de igual maneira a ambos os sexos... na expansão planetária do mercado mundial onde, ante o triunfo do livre comércio, se atribuem às mulheres missões e papéis diferentes dos que se atribuem aos homens*".

Sem dúvida, na imensa maioria dos estudos sobre as conseqüências da mundialização capitalista e seus efeitos sobre o trabalho e as condições de vida das populações não integram em suas análises a perspectiva de gênero.

Apesar da mundialização oferecer novas experiências e oportunidades de emprego para as mulheres, estes novos empregos femininos se criam dentro de um contexto de flexibilização e se caracterizam em grande parte por sua precariedade. Uma análise da incidência das políticas de ajuste estrutural sobre a evolução dos salários assinala, por exemplo, uma baixa dos salários femininos nos países latino-americanos. No México, o salário da mulher representava, em 1980, 80% do salário do homem, em 1992 essa relação caiu a 52% (PNUD, 1997). Assim, ao analisar o Acordo de Livre Comércio das Américas devemos atentar para o fato de que assistimos a uma diminuição do salário da mulher, ao mesmo tempo que se aumentam suas tarefas (remuneradas ou não), o que produz uma maior pobreza das mulheres em todo o continente, segundo estudo sobre a ALCA de Marcelline White para Aliança Social Continental.

As mulheres do continente americano



Passeata contra a ALCA, Fórum Social Mundial 2002

reunidas no seio do grupo de mulheres da Aliança social hemisférica rejeitaram o modelo de livre comércio proposto pelos 34 governos reunidos na Cúpula das Américas, em abril de 2001 no Québec, Canadá e propuseram um modelo de comércio alternativo e participativo que fomenta um desenvolvimento social com igualdade entre os gêneros.

Reafirmando os dados sobre trabalho, pobreza e violência

Pobreza: No mundo, uma pessoa a cada cinco vive com menos de um dólar por dia e uma a cada sete sofre de fome crônica: a maioria dessas pessoas pobres são mulheres e crianças. As mulheres estão, além disso, pior providas que os homens para evitar a pobreza ou para sair dela.

Distribuição de riqueza: as crianças e as mulheres possuem menos de 1 por cento das riquezas do planeta, realizam 70% das horas trabalhadas e somente recebem 10% da renda.

Trabalho: Segundo as cifras oficiais, 110 milhões de meninas entre 4 e 14 anos trabalham e estas cifras não tem em conta o trabalho doméstico. As condições de trabalho das mulheres são quase sempre mais difíceis que as dos homens (trabalho informal, atípico, precário, de guarda, mal pago), desigualdades sistêmicas nos salá-

rios (as trabalhadoras ganham em torno de 75% do salário masculino com enormes disparidades entre os países).

(Dados de Seager, J., 1998, *Atlas das mulheres no mundo* e Turenne, M., 1999)

Trabalho doméstico: desde os 5 anos de idade, nos países pobres, as meninas trabalham entre 4 e 16 horas diárias executando tarefas domésticas. Durante toda sua vida, a maior parte das mulheres assumem sozinhas, a responsabilidade do cuidado as crianças e dos idosos.

Produção agrícola: as mulheres constituem 40% da mão de obra agrícola mundial, sem dúvida estas possuem somente 1% das terras.

Prostituição: A indústria do sexo recruta anualmente um milhão de crianças, em sua maioria meninas.

Tráfico: quatro milhões de mulheres e meninas são vendidas a cada ano para fins de prostituição, escravidão doméstica e trabalho forçado.

Violação: Em escala mundial, 1 mulher em cada 4 foi ou será violentada uma vez na vida, frequentemente por parentes, maridos, parceiros e/ou conhecidos. Além disso, o estupro costuma ser usado como arma nos conflitos armados.

* Extraído do documento "Uma alternativa feminista para um outro mundo", apresentado no Seminário da Marcha Mundial de Mulheres, no Fórum Social Mundial 2002.

Resistências Mundiais

Por Maria Lucia Silveira

O livro “*Resistências Mundiais. De Seattle a Porto Alegre*”, organizado por Emílio Taddei e José Seoane, recém lançado pela editora Vozes /CLACSO faz uma radiografia da resistência recente à globalização neoliberal. Trata-se de leitura instigante das lutas sociais, decorrentes da experiência concreta dos diferentes sujeitos sociais atingidos pela catástrofe neoliberal.

O livro é composto por duas partes articuladas: a primeira, reúne análises de importantes teóricos sobre as tendências mais recentes do desenvolvimento capitalista e sobre a emergência das manifestações atuais do movimento anti-mundialização.

A segunda trata do novo movimento internacional a partir das grandes protestos mundiais mencionadas no título, passando pela análise dos zapatistas até a Marcha Mundial de Mulheres.

Devemos ler, com particular atenção, o artigo “A Marcha Mundial das



Mulheres: por um mundo solidário e igualitário”, de Diane Matte e Lorraine Guay, da coordenação da Marcha.

As feministas têm muito a ganhar com essa leitura crítica sobre o capitalismo contemporâneo e das formas de luta nas quais as mulheres têm crescentemente se engajado.

o que rola

Rede Economia e Feminismo : um novo espaço para a intervenção feminista

No final de novembro de 2001, aconteceu o Seminário Feminismo e Economia, organizado pela SOF, em São Paulo, cujo fruto principal foi a criação da Rede Economia e Feminismo. Com participação de 33 mulheres de 13 estados e 22 organizações de mulheres, o debate demonstrou o crescente interesse de lideranças do movimento de mulheres no aprofundamento do debate econômico com perspectiva feminista. A iniciativa veio amadurecendo a partir dos debates propostos pela REMTE- Rede Latino-Americana de Mulheres Transformando a Econo-

mia e desenvolveu-se num grupo de reflexão Feminismo e Economia no decorrer de 2001.

Foram definidos como temas prioritários da Rede, a situação econômica das mulheres e políticas de distribuição de renda; economia solidária; segurança alimentar; ALCA.

No Fórum Social 2002, a participação das mulheres nos debates e manifestações ligados a esses temas demonstrou que esse novo espaço de articulação e reflexão promete catalizar a participação de muitas ativistas do movimento de mulheres esse ano.

folhafeminista

nº 31 fevereiro de 2002 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A folha feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria

Editora: Maria Lucia Silveira

Projeto Gráfico: Alexandre Bessa

Diagramação: Márcia Helena Ramos

Fotolito: Input

Impressão: RWC Artes Gráficas

Tiragem: 1.500 exemplares

Número avulso: R\$1,50



Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- 8 DE MARÇO
- AS MULHERES E A LUTA CONTRA A ALCA